

FILOSOFIA E GÊNERO EM MARGARET CAVENDISH¹

Stephanie Hamdan Zahreddine²

RESUMO: O artigo se dedica ao exame da filosofia natural de Margaret Cavendish que, dentre outros objetivos, pretende contribuir para o enfraquecimento de hierarquias de gênero subjacentes às tradições filosóficas e científicas da Inglaterra do século XVII. Algumas das estratégias argumentativas utilizadas por Cavendish para atingir seu objetivo são ambivalentes, pois podem levar, tanto à dissolução dessas hierarquias de gênero, quanto à sua justificação - o que desemboca em tensões ou conflitos entre alguns elementos de seu pensamento. Início com a análise da filosofia natural de Cavendish: primeiramente, constituída por uma teoria corpuscular atomista, que, posteriormente, fora abandonada e substituída por uma teoria de caráter materialista orgânico. Prossigo com a apresentação das tensões ou conflitos da filosofia de Cavendish, especialmente explícitos nas implicações da admissão do ceticismo e de uma hierarquia da matéria.

Palavras-chave: Cavendish - filosofia natural - gênero

ABSTRACT: The paper examines Margaret Cavendish's natural philosophy. One of her aims is to undermine gender hierarchies underlying England's philosophical and scientific traditions of the 17th century. Some of Cavendish's argumentative strategies to achieve her purpose are ambivalent, because they can lead to the dissolution of gender hierarchies, as well as to the justification of those hierarchies, and this ambivalence culminates in conflicts between some elements of her theory. I start by an analysis of Cavendish's natural philosophy, primarily constituted by a corpuscular atomistic theory, which is afterwards abandoned and replaced by an organic materialism. After that, I expose the conflicts in Cavendish's philosophy, especially explicit in the implications of her admission of scepticism and of a hierarchy of matter.

Key-words: Cavendish - natural philosophy - gender

Margaret Cavendish (1623?-1673) foi uma filósofa, romancista, poetisa e dramaturga inglesa. É conhecida principalmente por sua obra literária *The Blazing World*, em que, já no prefácio, salienta o lugar desprivilegiado da mulher na sociedade e no mundo intelectual. Impossibilitada de se tornar "a senhora de um mundo, já que a fortuna e o destino"³ não lhe dariam nenhum, inventa, em sua obra, um mundo só seu - "one of my own", onde reina soberana, sem a limitação de hierarquias de gênero⁴. Virginia Woolf publica um ensaio engenhosamente intitulado *A Room of One's Own*, fruto de palestras em colégios ingleses para mulheres, em que afirma: "que visão de

¹ Trabalho desenvolvido sob orientação da Profa. Livia Guimarães.

² Doutoranda em Filosofia da UFMG (FAPEMIG). Email: tehamdan@gmail.com

³ No original: *rather than not be Mistress of a World, since Fortune and the Fates...*

⁴ CAVENDISH, *The Blazing World and Other Writings*, p.121.

solidão e tumulto traz à mente a lembrança de Margaret Cavendish!"⁵. De fato, o temperamento intenso de Cavendish é marca de suas obras e de sua vida: sua personalidade carrega a ousadia de ser, não só a primeira mulher na Inglaterra a publicar obras sobre assuntos científicos, mas também a primeira mulher na Inglaterra a publicar uma obra - de qualquer gênero - em seu próprio nome⁶.

O domínio da escrita não era o domínio das mulheres; aquelas que se atreviam a tal empreendimento eram tidas como desarrazoadas: suas obras adquiriam o rótulo de insensatas e incoerentes, "já que nenhuma mulher de bom senso e recato podia escrever livros"⁷. Proibidas de ingressarem em escolas, e, por isso, impossibilitadas de receber a educação oferecida aos homens, as mulheres cumpriam um papel rigorosamente delimitado na Inglaterra do século XVII: eram boas companhias e distrações nos bailes e eventos sociais da época, por pertencerem ao domínio da conversação trivial e agradável. Eram criadas para o matrimônio e a maternidade, sendo qualquer desvio desta rota considerado um desequilíbrio: a mulher que faz filosofia, por ser "masculinizada", perde sua capacidade de procriação, porque atua num âmbito que não é o seu⁸. Escrever é, nesse período, um fazer essencialmente masculino: "canetas (não línguas) eram as ferramentas da razão e foram feitas análogas às armas dos homens, e o trocadilho 'pen' e 'penis' era uma metáfora comum"⁹.

Este artigo é fruto de um estudo, ainda precoce, sobre a filosofia natural de Margaret Cavendish. Meu primeiro objetivo é analisar de que maneira a autora desenvolve uma filosofia que, dentre outras pretensões, busca dissolver - ou, ao menos, enfraquecer - hierarquias de gênero que estabelecem a inferioridade da mulher com relação ao homem, comumente subjacentes às tradições filosóficas e científicas da Inglaterra do século XVII. Algumas das estratégias argumentativas utilizadas por Cavendish para atingir este objetivo, no entanto, são ambivalentes, pois podem levar, tanto à dissolução dessas hierarquias de gênero, quanto à sua justificação - o que desemboca em tensões e conflitos entre alguns elementos de seu pensamento. Meu segundo objetivo é apresentar algumas destas tensões.

⁵ WOOLF, *Um teto todo seu*, p.78.

⁶ Ver SARAHSON, *Huntington Library Quarterly*, p. 130.

⁷ WOOLF, *Um teto todo seu*, p.79.

⁸ Este é um lugar comum do século XVII. Os gêneros seriam determinados segundo os humores: as mulheres possuem humores favoráveis à procriação, mas desfavoráveis à razão. Quando eventualmente possuíssem humores favoráveis à razão, não eram aptas à procriação. Por questões de tempo, não será possível abordar este importante tema, (inclusive para Cavendish), na presente ocasião. Sobre isto, ver WALTERS, *Margaret Cavendish: Gender, Science and Politics*, p.49-56.

⁹ WALTERS, *Margaret Cavendish: Gender, Science and Politics*, p.57. No original: *Pens (not tongues) were the tools of reason and were made analogous to men's weapons, and the pun on 'pen' and 'penis' was a common metaphor.*

Início com a análise da filosofia natural de Cavendish: primeiramente, constituída por uma teoria corpuscular atomista, que, posteriormente, fora abandonada e substituída por uma teoria de caráter materialista orgânico. Prossigo com a apresentação dos pontos de tensão da filosofia de Cavendish, especialmente explícitos nas implicações da admissão do ceticismo e de uma hierarquia da matéria.

A filosofia natural de Cavendish

A filosofia natural de Cavendish é marcada, não apenas por um estilo peculiar, mas também pela vasta obra que a compõe:¹⁰ a autora publicou seis tratados filosóficos, inúmeros poemas sobre atomismo e uma coleção de cartas supostamente endereçadas a uma amiga, em que dialoga com diversos filósofos¹¹. É certo que, somente pelo fato de ter publicado obras de filosofia - e, antes disso, obras em seu nome - a autora já é um marco na luta das mulheres por seu espaço. Mas sua contribuição se encontra, também, na escolha proposital de publicar uma obra filosófica em forma de cartas: o conhecimento filosófico e a capacidade de Cavendish para a racionalidade são legitimadas e aprovadas pela remetente das cartas, que não é um homem; a publicação dessas cartas afirma e cria um modelo feminino de razão e autoridade intelectual, mesmo dentro de uma tradição dominada por homens. Como será explorado mais adiante, a contribuição da autora para a situação das mulheres ultrapassa a forma de suas obras e também emerge em seu conteúdo, mais especificamente, na re-significação de conceitos da filosofia natural que pressupõem hierarquias de gênero e desembocam no estabelecimento de papéis determinados de gênero. Os conceitos de *matéria* e *natureza*, por exemplo, entendidos como femininos na tradição filosófica inglesa do século XVII, são caracterizados como passivos, sem movimento e irracionais; conseqüentemente, a mulher é compreendida como uma criatura igualmente passiva, incapaz de racionalidade e inferior ao homem. Cavendish, por outro lado, erige uma teoria que eleva o status ontológico do feminino, ao atribuir à matéria racionalidade e movimento próprio, e à natureza, força, poder, conhecimento e sabedoria.

¹⁰ Ao todo, a autora publicou 24 peças teatrais, uma ampla coleção de curtas ficções (realistas e fantásticas, em prosa e verso), um livro de orações, uma obra de cartas, uma obra de ensaios, uma autobiografia, uma biografia, seis tratados filosóficos e uma utopia.

¹¹ *Philosophical Letters or Modest Reflections Upon Some Opinions in Natural Philosophy* é uma obra que se constitui por mais de cem cartas endereçadas a uma suposta amiga de Cavendish, em que a filósofa discorre sobre temas variados de filosofia natural, em diálogo com as teorias de René Descartes, J.B. Van Helmont, Henry More e Thomas Hobbes.

O interesse de Cavendish pela filosofia natural foi despertado principalmente por meio de seu marido, William Cavendish, Duque de Newcastle¹² - principal apoiador da autora em seu empreendimento intelectual - e seu cunhado. O duque e seu irmão conheciam pensadores renomados da época; Cavendish inclusive conheceu Descartes, Hobbes e Gassendi. Os três jantaram na residência dos Cavendish, durante o exílio do casal na França¹³.

Em sua obra *Poems and Fancies* (1653), Cavendish apresenta a primeira formulação de sua filosofia natural. Por meio de poemas, a autora se posiciona a favor do atomismo e desenvolve uma teoria corpuscular da matéria, segundo a qual existem quatro tipos de átomos: 1) quadrados constituem a terra; 2) redondos constituem a água; 3) longos constituem o ar e 4) afiados constituem o fogo¹⁴. A concatenação e movimentos dos diferentes tipos de átomo, juntamente com o vazio, engendram a variedade das formas e mudanças da natureza. Seu movimento no cérebro produz o entendimento e as emoções; sua harmonia ocasiona saúde e sua desarmonia, doença.

Esta teoria chocou, não somente os opositores ao atomismo, mas inclusive os seus defensores. Contudo, suas teses não eram muito distintas daquelas avançadas por Descartes, Hobbes e Gassendi; o atomismo de Cavendish peculiarmente se caracteriza pela "completa falta de qualificadores teológicos necessários para dissociar o mecanismo da acusação de materialismo ateuista, uma queixa frequentemente feita contra o próprio Hobbes¹⁵". Um importante elemento da teoria de Cavendish, que, nesse caso, marca uma diferença importante com os autores acima, é a sua caracterização dos átomos como sendo eternos, infinitos e com capacidade para agir por vontade própria. Ora, os proponentes da filosofia corpuscular eram cuidadosos ao dissociar tais atributos de suas doutrinas da matéria, já que, de acordo com a cosmologia

¹² Segundo relatos, Margaret e William Cavendish possuíam uma relação muito próxima e cúmplice. Na maioria das obras da autora, há um poema do duque elogiando as qualidades intelectuais da duquesa - que, por sua vez, responde ao poema com uma dedicatória da obra ao companheiro.

¹³ Cavendish era dama de companhia de Henrietta Maria da França, Rainha consorte da Inglaterra e, em 1644, durante o período da guerra civil, Cavendish acompanhou-a ao exílio na França. No exílio, conheceu William Cavendish, até então Marquês de Newcastle, com quem se casou no final de 1645. Os dois permaneceram em exílio (em Paris, Roterdã e, depois, Antuérpia) até 1660, quando retornaram à Inglaterra por ocasião da Restauração da monarquia. Na Inglaterra, viveram em uma casa de campo distante da cidade.

¹⁴ Reproduzo aqui parte de um poema sobre o atomismo:

"The Square flat Atomes, as dull Earth appeare, / The Atomes Round do make the Water cleere. / The Long streight Atomes like to Arrowes fly, / Mount next the points, and make the Aiery Skie; / The Sharpest Atomes do into Fire turne, / Which by their peircing quality they burne (...) / Thus severall Figures, severall tempers make, / But what is mixt, doth of the Four partake" (CAVENDISH, *Poems and Fancies*, p.6).

¹⁵ SARAHSON, *Huntington Library Quarterly*, p.291. No original: *complete lack of theological qualifiers necessary to dissociate mechanism from the charge of atheistic materialism, a complaint often made against Hobbes himself.*

cristã, somente Deus é eterno e infinito. Além disso, Cavendish descreve a alma como material, o que pode levar à interpretação de que, para ela, a alma não é imortal, desafiando, por isso, a autoridade da religião. No entanto, o fideísmo presente ao longo de toda a filosofia de Cavendish salvaguarda sua teoria da acusação de materialismo ateu. Na medida em que as verdades da religião não podem ser alcançadas racionalmente, mas somente pela fé, a razão e a fé constituem domínios inteiramente distintos: por isso a autora pode falar da matéria e da alma material sem ameaçar as verdades da religião, pois a alma divina é um assunto para a Igreja explicar. Voltaremos a isso mais adiante.

Um importante elemento da teoria corpuscular de Cavendish para os propósitos deste trabalho diz respeito à distinção entre as almas dos homens e das mulheres. Segundo a autora, "a natureza compõe os cérebros dos homens com mais átomos afiados, o que faz o elemento quente e seco, e os das mulheres com mais átomos redondos, cuja figura faz o elemento frio e úmido"¹⁶. É curioso notar que há, aqui, uma espécie de justaposição entre o atomismo e o aristotelismo, que merece atenção.

Segundo o pensamento epicurista, os átomos redondos são superiores; são eles que compõem a alma, por causa de sua excelência. Por outro lado, segundo Aristóteles, o frio e a umidade são acidentes da água, que aparece em segundo lugar em sua hierarquia da matéria¹⁷. Além disso, como salienta Walters, para Aristóteles "uma fêmea era criada simplesmente quando um homem carecia de calor vital suficiente para produzir outro macho". Consequentemente, a mulher era considerada um "'homem infértil' porque ela carecia de calor e, portanto, de *dynamis* ou alma para gerar uma nova vida"¹⁸.

Cavendish, por sua vez, afirma que átomos redondos compõem somente os cérebros das mulheres, o que parece sugerir que ela estabelece um tipo de superioridade feminina sob a ótica da teoria epicurista. No entanto, do ponto de vista da teoria aristotélica, Cavendish sugere a inferioridade do feminino, por lhe faltar calor. Assim, à sugerida superioridade feminina constituída por átomos redondos, é adicionado o contrapeso de sua constituição fria, o que indica a superioridade do homem. Por isso, a tradicional hierarquia "natural" de gêneros, em Cavendish, se

¹⁶ CAVENDISH, *Poems and Fancies*, p.122. No original: *Nature had compounded Mens Braines with more of the Sharp Atomes, which make the hot, and dry Element, and Womens' with more of the round Atomes, which Figure makes the cold, and most Element...*

¹⁷ Sobre isto, ver SARAHSON, *Huntington Library Quarterly*, p.305, nota 36.

¹⁸ WALTERS, *Margaret Cavendish: Gender, Science and Politics*, p.50. No original: *a female was created simply when a man lacked enough vital heat to produce another male. Consequently, a woman was reckoned to be an 'infertile male' because she lacked heat and therefore dynamis or soul to generate a new life.*

apresenta de maneira um pouco confusa. Não é possível determinar até que ponto ela se mantém a mesma para a autora; parece haver, no entanto, uma tentativa de nivelamento, ou desestabilização do sistema hierárquico.

De qualquer modo, a partir de 1661, Cavendish abandona a teoria corpuscular. O problema da hierarquia de gênero é resolvido pela unidade de toda matéria, principal elemento do materialismo orgânico que Cavendish desenvolve a partir de então. Segundo esta nova teoria, a hierarquia da matéria é admitida, mas ela é integrada em um todo orgânico, compondo o mundo natural por inteiro. O universo é constituído de matéria e movimento, que são inseparáveis. A autora faz uma distinção de tipos de matéria, que, apesar de se distinguirem em figura e movimento, são inseparavelmente integradas em formas compostas de matéria. Há a matéria animada, que se subdivide em 1) matéria racional, que é auto-movente, comanda os outros tipos de matéria e é a mais excelente - e 2) matéria sensível, que executa os comandos da matéria racional e é o veículo para a percepção sensível. Há, também, a 3) matéria inanimada, que, apesar de ser a menos excelente, por lhe faltar percepção, constitui o substrato material de todo o ser¹⁹.

Em certa medida, toda matéria é animada, mas no sentido de que todos os tipos de matéria são, essencialmente, um: a diversidade se reduz à unidade. O "movimento é a vida e a alma da natureza, e de todas as suas partes"²⁰. A matéria permanece sendo eterna e infinita e a alma, por pertencer à natureza - que é material - também permanece material; o fideísmo, como na teoria corpuscular de Cavendish, permite que a autora separe fé de razão - e, conseqüentemente, desassocie a alma material da alma divina, que ela deixa para a Igreja explicar.

De todas as opiniões concernentes à alma natural do homem eu gosto mais daquela que afirma que a alma é uma substância auto-movente; mas, ainda, adicionarei uma substância auto-movente material; pois a alma do homem é parte da alma da natureza, e a alma da natureza é material; eu digo somente da alma natural, não da alma divina do homem, que eu deixo para a Igreja²¹.

O ponto que gostaria de enfatizar sobre o materialismo orgânico de Cavendish é a caracterização de um tipo de matéria como sendo racional e auto-

¹⁹ A formulação definitiva desta teoria pode ser encontrada em CAVENDISH, *Observations Upon Experimental Philosophy*, p.156-157.

²⁰ CAVENDISH, *Observations Upon Experimental Philosophy*, p.72. No original: *motion is the life and soul of nature, and of all her parts.*

²¹ CAVENDISH, *Observations Upon Experimental Philosophy*, p. 221. No original: *Of all the opinions concerning the natural soul of man I like that best which affirms the soul to be a self-moving substance; but yet I will add a material self-moving substance; for the soul of man is part of the soul of nature, and the soul of nature is material; I mean only the natural, not the divine soul of man, which I leave to the Church.*

movente. Apesar de seguir a tradição filosófica ao associar a matéria com o feminino, o fato de atribuir a este conceito racionalidade e movimento marca uma forte diferença com a caracterização usual de matéria, que não possui movimento e nem racionalidade. Para compreender a importância desse ponto, convém breve comentário sobre a compreensão tradicional da matéria, que envolve, principalmente, as teorias de Aristóteles e Paracelso.

Segundo a teoria da reprodução de Aristóteles, o macho "é algo melhor e mais divino, já que é o princípio do movimento para as coisas geradas, enquanto a fêmea serve como sua matéria"²². A mulher é meramente o receptáculo - a "matéria" - onde o movimento masculino atua para gerar uma criança. Enquanto o movimento (masculino) é ativo, a matéria (feminina) é passiva, pois somente recebe o movimento.

Já segundo Paracelso,²³ a mulher não é somente o receptáculo onde o homem deposita seu sêmen, ela também contribui para a sua formação. No entanto, o homem pode gerar uma criatura com um animal do sexo feminino, ou pode procriar sozinho, depositando seu sêmen em um recipiente alquímico. Por esse meio, seria gerado um *homunculus*, um "homem em miniatura", que, por não derivar da mulher, seria mais puro, com poderes misteriosos e superiores²⁴. Isto está de acordo com a cosmologia de Paracelso, em que feminino e masculino constituem mundos separados e distintos; a mulher se encontra no mais inferior destes mundos e é "como a terra e todos os elementos", enquanto o homem "é um filho do cosmos"²⁵. A compreensão de que um ser seria mais puro porque não derivaria da mulher também tem relação com uma concepção do útero como sendo fonte de doenças e de loucura. O útero, de acordo com a cultura popular e científica da época, é irracional; mais que isso, ele impossibilita a racionalidade²⁶.

É importante notar uma diferença entre as duas teorias. De acordo com a cosmologia de Paracelso, homem e mulher constituem mundos separados e distintos. Por outro lado, segundo Aristóteles, a diferença entre corpo masculino e feminino não é

²²ARISTÓTELES, *Generation of Animals*, p.133. No original: *is something better and more divine in that it is the principle of movement for generated things, while the female serves as their matter.*

²³ Juntamente com Aristóteles e Galeno, as teorias fisiológicas de Paracelso eram muito influentes na Inglaterra do início do século XVII. Havia, inclusive, acirradas discussões entre adeptos de Aristóteles e de Paracelso. Apesar das diferenças, suas teorias concordam no que diz respeito à pressuposição de superioridade do homem com relação à mulher. É fato que a tradição aristotélica era alvo de sérias objeções durante este período, mas suas teorias fisiológicas ainda eram amplamente utilizadas pela comunidade médica. Sobre isso, ver WALTERS, *Margaret Cavendish: Gender, Science and Politics*, p. 44-46.

²⁴ JACOBI (ed.). *Selected Writings by Paracelsus*, p.245.

²⁵ JACOBI (ed.). *Selected Writings by Paracelsus*, p.24;36.

²⁶ Sobre a compreensão de útero da época, ver WALTERS, *Margaret Cavendish: Gender, Science and Politics*, p.47-48.

uma diferença "essencial", já que a mulher é como um "homem deformado". O corpo masculino, para Aristóteles, é a forma perfeita, e o corpo feminino consiste em um defeito deste tipo genérico²⁷. E a condição fisiológica da mulher é refletida no âmbito social: na *Política*, Aristóteles salienta que "a relação do macho com a fêmea é por natureza uma relação de superior com inferior e de governante com governado. O mesmo deve por necessidade se manter no caso de seres humanos em geral²⁸".

Apesar das diferenças, ambas teorias identificam o feminino com a matéria e com as coisas mundanas, de modo que a natureza, por ser material, é feminina, e o "cosmos" ou o âmbito "mais divino" é associado ao masculino. Cria-se, assim, um modelo de mulher: incapaz de racionalidade - por ser matéria e por possuir útero - e naturalmente passiva, a mulher deve ser obediente, silenciosa e subordinada ao homem - que, por possuir capacidades "superiores", é racional e detentor do movimento que gera a vida.

Quando Cavendish estabelece que um dos tipos de matéria, além de ser racional, possui movimento próprio, ela confere significado completamente novo a este conceito. Na medida em que a mulher é associada à matéria, à mulher é outorgado o movimento: "na geração, cada produtor transfere tanto matéria e movimento, isto é, movimento corporal no produzido; e se há mais produtores do que um, todos eles contribuem para o produzido"²⁹. A natureza, por ser material, é também feminina, e também é re-significada por Cavendish, que a atribui "uma infinita sabedoria, força, poder, conhecimento, etc.". Já que a natureza possui "partes infinitas de graus infinitos, deve também possuir uma sabedoria natural infinita para ordenar suas partes e ações naturais infinitas, e, conseqüentemente, um poder natural infinito para colocar sua sabedoria em ação"³⁰. Deus deu à natureza esses infinitos atributos, de modo que ela exerce um papel divino no plano material³¹.

Além disso, Cavendish modifica também a compreensão de útero como sendo fonte de doenças e loucura, ao associá-lo à racionalidade: "algumas partes

²⁷ ARISTÓTELES, *Generation of Animals*, p.175.

²⁸ ARISTÓTELES, *Politics*, p.8. No original: *the relation of male to female is by nature a relation of superior to inferior and ruler to ruled. The same must of necessity hold in the case of human beings generally.*

²⁹ CAVENDISH, *Philosophical Letters*, p.420-421. No original: *In generation every producer doth transfer both Matter and Motion, that is, Corporeal Motion into the produced; and if there be more producers then one, they all do contribute to the produced.*

³⁰ CAVENDISH, *Philosophical Letters*, p.8. No original: *an Infinite Wisdom, Strength, Power, Knowledge, etc.... Infinite parts of Infinit degrees, must also have an Infinite natural wisdom to order her natural Infinite parts and actions, and consequently an Infinite natural power to put her wisdom into act.*

³¹ Para não incorrer em materialismo ateu, Cavendish argumenta no sentido de estabelecer uma diferença entre o infinito da natureza e o infinito divino - o que se conforma a seu fideísmo (CAVENDISH, *Philosophical Letters*, p. 7-10).

possuem mais matéria racional do que outras partes, como a cabeça, coração, fígado, útero e semelhantes" (grifo meu). A criação de pensamentos é comparável à procriação, porque "a mente procria assim como o corpo"³². A comparação entre um órgão que só pertence ao gênero feminino e a mente, criadora de pensamentos, aproxima o feminino do domínio intelectual e racional. O útero não é, aqui, identificado com a loucura, mas sim, com a aptidão ao comando, decorrente da racionalidade. Esta talvez tenha sido uma das primeiras vezes - se não a primeira vez - na história do pensamento filosófico ocidental em que o útero é associado à racionalidade. Por constituir uma surpreendente reviravolta na concepção usual de útero, esta é uma das contribuições mais fortes e ousadas da filósofa para a dissolução da imagem da mulher como irracional. Tal colocação não deixa lugar para dúvidas quanto ao propósito da autora de auxiliar na mudança da compreensão intelectualmente depreciativa da mulher.

Portanto, a natureza - e, conseqüentemente, o feminino -, adquire, com Cavendish, atributos anteriormente inexistentes: a racionalidade e o movimento. Nesse sentido, há uma elevação do status ontológico da mulher, que não mais se configura como um "homem deformado" ou como uma criatura inferior ao homem, mas como um ser humano dotado dos mesmos atributos e capacidades do homem. É certo que Deus ainda é a entidade que dá à natureza seus atributos, e Deus é, também para Cavendish, compreendido como masculino. Então a lógica da hierarquia patriarcal ainda permanece, mas se torna mais mitigada. Deus não é mais o único detentor de infinita sabedoria, poder, força e conhecimento; a natureza também o é. Isso diminui o abismo entre Deus e natureza - e entre homem e mulher.

Segundo Sarahson, Cavendish empreendeu uma fusão entre "ideias revolucionárias e uma ideologia feminista subjacente à sua concepção de um universo vivo, infundido com movimento e ordenado por um espírito feminino, o que pode ser melhor compreendido do ponto de vista empático de uma cientista feminina". Nesse sentido, "tanto a substância de sua filosofia e sua exposição justificam uma revolução na interpretação do papel feminino tradicional"³³. O trabalho de Cavendish mostra que os

³² CAVENDISH, *Philosophical and Physical Opinions*, p. 56;71. No original: *some parts have more Rational matter than other parts, as the Head, Hart, Liver, Womb, and the like. (...) the Mind procreates like as the Body*. Apesar da literatura interpretativa sobre Cavendish ainda não se deter muito nisso, há diferenças cruciais entre a obra *The Philosophical and Physical Opinions*, publicada em 1655 - quando Cavendish ainda mantinha sua teoria corpuscular - e a obra *Philosophical and Physical Opinions*, publicada em 1663. Nesta última, a autora fez correções literais no texto, adicionando e modificando partes significativas da obra. A afirmação do útero como sendo racional e sua comparação com a mente, por exemplo, só aparecem na versão de 1663.

³³ SARAHSOHN, *Hutington Library Quarterly*, p. 290. No original: *Cavendish fused revolutionary ideas and an underlying feminist ideology in their conception of a living universe, infused with motion, and ordered by a female spirit, which could best be understood from the empathetic viewpoint of a female*

resultados radicais de uma área do pensamento podem fortalecer tendências subversivas de outras áreas do pensamento. Sua heterodoxa filosofia natural contribuiu para a reinterpretção dos papeis de gênero.

Pontos de tensão

A filosofia de Cavendish também apresenta elementos conflituosos entre si. Analisarei dois pontos de tensão de sua teoria, que dizem respeito às implicações da admissão, tanto de um ceticismo, quanto de um materialismo orgânico. Iniciemos pelo primeiro elemento.

Cavendish admite um ceticismo relativo ao conhecimento de Deus e ao conhecimento absoluto da natureza. O primeiro tem íntima relação com a posição fideísta do pensamento da filósofa, já mencionada anteriormente, que explica a ausência quase total de motivos teológicos em seu pensamento. A fé justifica a crença em Deus, na imortalidade da alma e nos outros preceitos da religião cristã, mas, do ponto de vista da filosofia, nada disso pode ser provado: Deus "é algo que não pode ser descrito ou concebido; nem prescrito ou delimitado..."³⁴.

A filósofa também pontua a incapacidade humana para o conhecimento dos "mistérios" da natureza: já que cada época crê em algo diferente, "todas as opiniões são alimentadas pela imaginação / e a verdade jaz morta sob a opinião"³⁵. Um interessante exemplo deste ceticismo se apresenta quando a autora sugere a existência de uma infinidade de mundos, não somente fora do nosso mas também dentro dele, por exemplo, dentro do brinco de uma dama³⁶. Isso impossibilita o acesso a um conhecimento absoluto, já que existem infinitos mundos dos quais que o ser humano nem mesmo sabe da existência. A admissão de outros mundos entra em conflito direto com a doutrina cristã. Como ironiza Sarasohn, "é difícil compreender como a revelação de Cristo pode ser pregada dentro de um brinco"³⁷ (1984, p. 291).

Como quer que seja, a afirmação da existência de infinitos mundos enfatiza, não somente a incapacidade humana de compreender Deus, mas também a

scientist. (...) both the substance of her philosophy and its exposition justified a revolution in the interpretation of the traditional female role.

³⁴ CAVENDISH, *Orations of divers sorts accommodated to divers places written by the Lady Marchioness of Newcastle*, p.303-304. No original: *is something that cannot be Described or Conceived, nor Prescribed, or Bound...*

³⁵ CAVENDISH, *Poems and Fancies*, p. 39. No original: *All opinions are by fancy fed / And Truth under opinion lieth dead.*

³⁶ "And if thus small, then ladies well might weare / A world of worlds, as pendants in each eare" (CAVENDISH, *Poems and Fancies*, p.45).

³⁷ SARAHSON, *Huntington Library Quarterly*, p. 293. No original: *It is difficult to understand how Christ's revelation might be preached within an earring.*

incapacidade humana de conhecer verdadeiramente a natureza. O ceticismo, contudo, não impede que a autora continue sua investigação filosófica: já que ninguém pode saber absolutamente nada, então não há razão porque suas especulações não possam ser tão ou mais corretas do que qualquer outra.³⁸ Um importante motivo para continuar a reflexão filosófica é, justamente, denunciar a precária situação das mulheres de sua época, inclusive com o uso estratégico do ceticismo para tal. A rejeição dos costumes e tradições prevalentes na sociedade e o questionamento das autoridades, característicos de algumas linhas cétricas, foram utilizados por muitos discursos feministas do século XVII para defender que a sujeição da mulher não é natural e inevitável, mas sim, maleável e circunstancial.

Por outro lado, o ceticismo também pode ser usado para defender a tradição, os costumes e autoridade prevalente: na medida em que não há verdade absoluta na religião, política ou tradição, os costumes do passado têm tanta validade quanto os do presente, com a vantagem de já terem se provado benéficos por terem proporcionado segurança e estabilidade no passado. O risco do uso do ceticismo para a defesa da igualdade de gênero fica, portanto, clara: ao mesmo tempo em que pode questionar e rejeitar o status quo - e, conseqüentemente, defender uma mudança na situação da mulher - também pode ser usado para defender o status quo e a posição desprivilegiada da mulher.

Outro ponto de tensão no pensamento de Cavendish diz respeito ao seu materialismo orgânico. Como pontua Sarasohn, "a ambivalência inerente do ceticismo com respeito à tradição" se reflete na atitude igualmente ambivalente de Cavendish com relação às instituições tradicionais: "Ela defendia fervorosamente a superioridade da monarquia e hierarquia, refletindo solidariedade de classe ao invés de gênero, mas percebeu que todas as formas de associação política eram uma tirania dos homens sobre as mulheres"³⁹. Não se sabe ao certo se a maior motivação da autora ao desenvolver esta teoria foi, genuinamente, a defesa da igualdade de gênero, ou se foi a defesa da hierarquia social, expressa na forma de apoio a regimes monárquicos. A autora era explicitamente a favor da monarquia, e um dos motivos da adoção do

³⁸ Esta posição de Cavendish também pode ser interpretada, não como um ceticismo, mas como uma rejeição do binarismo de que se constitui o conhecimento tradicional (verdadeiro ou falso, cético ou dogmático). Pode-se defender que a autora defende diferentes possibilidades de conhecimento, que ultrapassam esse binarismo. Por questões de espaço, não será possível desenvolver esta interpretação alternativa.

³⁹ SARAHSON, *Huntington Library Quarterly*, p.293. No original: *The inherent ambivalence of skepticism toward tradition... She fervently defended the superiority of monarchy and hierarchy, reflecting class rather than gender solidarity, but realized all forms of political association were a tyranny of men over women.*

materialismo orgânico é sua hierarquia da matéria, que seria como um espelho do domínio político e social: assim como, no mundo natural, a matéria racional comanda a matéria sensível, o monarca comanda os súditos, trazendo a harmonia e segurança para a sociedade.

No obra *Philosophical and Physical Opinions*, ao falar sobre o atomismo, Cavendish explica que seria impossível que todos os efeitos pudessem surgir dos átomos, a não ser que eles possuíssem um tipo de consciência. Contudo, "eles dificilmente concordariam com um governo... se todos tivessem um poder igual"⁴⁰ - isto é, se cada parte separada da matéria possuísse consciência. Daí a necessidade de uma hierarquia, em que um governa os outros. Há uma analogia entre a teoria natural e a política, indicando, portanto, que um dos motivos do abandono da teoria corpuscular é a implicação política dessa teoria. Como Sarahson salienta,

A unidade implícita de seu próprio sistema circunscreveu a anarquia do atomismo puro: a hierarquia, portanto, substitui o igualitarismo como o melhor dispositivo de ordenação, tanto na natureza quanto na sociedade. Não obstante, Cavendish percebeu que o princípio de hierarquia, que ela tão avidamente adotara em suas filosofias natural e política, tinha terríveis implicações para o status das mulheres⁴¹.

A defesa da hierarquia da matéria - e, conseqüentemente, da monarquia - entra em conflito direto com a tentativa de Cavendish de desestruturar hierarquias de gênero, o que constitui uma forte tensão no pensamento da autora. A defesa da monarquia implica na defesa de uma hierarquia patriarcal, em que o rei é o soberano apto ao comando⁴². Contudo, a situação de subjugação da mulher tem como causa direta justamente a hierarquia patriarcal, que pressupõe a superioridade natural do homem com relação à mulher.

Certamente, manter inalterada a hierarquia entre Deus e natureza - mencionada anteriormente - já constitui uma tensão significativa da teoria da filósofa. Contudo, me parece que não interferir especificamente na hierarquia entre Deus e natureza é uma escolha da autora de não tratar de temas que são mais próprios da teologia do que da filosofia natural - o que o fideísmo de Cavendish endossa. A postura

⁴⁰ CAVENDISH, *Philosophical and Physical Opinions*, "Another Epistle to the Readers". No original: *they would hardly agree in one government... if every one should have and equal power...*

⁴¹ SARAHSOON, *Huntington Library Quarterly*, p. 298. No original: *The implicit unity of her own system circumvented the anarchy of pure atomism: hierarchy therefore replaces egalitarianism as the best ordering device in both nature and society. Nevertheless, Cavendish realized that the principle of hierarchy which she so eagerly embraced in her natural and political philosophies, had dire implications for the status of women.*

⁴² Esta implicação pode ser questionada pelo fato de nem todos os monarcas ingleses terem sido homens - a Rainha Elizabeth é um exemplo disso. No entanto, me parece que este exemplo se configura mais como uma exceção, como um caso excepcional de uma monarca mulher. Os regimes monárquicos ingleses tradicionalmente se constituíam por homens no trono soberano.

de mero consentimento em questões teológicas é diferente da ativa defesa da monarquia, que se observa, tanto na teoria, quanto na vida de Cavendish. Por isso, a tensão entre a defesa da monarquia e de uma igualdade de gênero parece ser mais grave do que aquela a respeito da hierarquia divina.

Esta tensão, explícita ao longo de toda sua obra - tanto filosófica quanto literária e teatral - culmina em arrebatamentos desesperados:

A verdade é que nosso sexo faz grandes acusações de que os homens, desde a primeira criação, usurparam uma supremacia para eles, apesar de termos sido feitas iguais por natureza: cujo governo tirânico eles têm mantido desde então; de modo que jamais viremos a ser livres, mas mais e mais escravizadas... Cujas escravidão tem abatido tanto nossos espíritos, que nós nos tornamos tão estúpidas, que os homens nos usam como [se estivéssemos] um grau acima das bestas, estando as bestas apenas um grau abaixo de nós. Ao passo que na natureza nós possuímos um entendimento tão claro quanto os homens, se fôssemos criadas em escolas para amadurecer nossos cérebros...⁴³.

A defesa da monarquia é alternada com a defesa da igualdade de gêneros, e tal alternância expressa uma tensão insolúvel na obra da filósofa.

Considerações finais

A imersão de Cavendish em um sistema opressor patriarcal parece condicioná-la à sincera defesa da hierarquia política; sua condição de mulher, por outro lado, leva-a a uma indignada lucidez, em que ela se dá conta de sua própria imersão involuntária nesse sistema, que favorece a privação da mulher de tudo aquilo que fora negado também à própria autora: o devido cultivo de seu intelecto, de suas habilidades, de sua liberdade.

A ambivalência de seu pensamento filosófico pode ser comparada à ambivalência de sua reputação: Cavendish era ridicularizada por uns, mas celebrada por outros. No âmbito negativo desta ambivalência encontram-se as inúmeras expressões de escárnio e humilhação dirigidas à autora, já que escrever não era coisa de mulher. Exposta ao "ridículo" de querer ser filósofa, pensadora e escritora, adquiriu fama de louca. É, por exemplo, retratada por Samuel Pepys - diarista que seguiu a filósofa por sete semanas para "compreendê-la" melhor - como sendo "uma mulher insana,

⁴³ CAVENDISH, *The World's Olio*, "The Preface to the Reader". No original: *True it is, our sex makes great complaints, that men from the first creation usurped a supremacy to themselves, although we were made equal by nature: which tyrannical government they have kept ever since; so that we could never come to be free, but rather more and more enslaved... Which slavery hath so dejected our spirits, that we are become so stupid, that beasts being but one degree below us, men use us but a degree above beasts. Whereas in nature we have as clear an understanding as men, if we are bred in schools to mature our brains...*

pretensiosa, ridícula"⁴⁴. A fama de louca, contudo, foi ganhando forma consistente apenas ao longo dos séculos. Como mostra Whitaker, sua reputação de desarrazoada é consagrada com a alcunha *Mad Madge*, forjada por críticos já no século XIX - o que mostra que o cenário depreciativo da mulher intelectual não havia mudado muito⁴⁵.

Há, por outro lado, também um reconhecimento positivo do trabalho de Cavendish, que adquiriu grande fama à sua época. Tendo se tornado uma celebridade literária, suas obras eram conhecidas, tanto em círculos universitários, quanto fora deles. A filósofa foi a primeira mulher a ser convidada a participar de uma reunião da Royal Society - constituída por importantes nomes da comunidade intelectual e científica da época - onde presenciou os famosos experimentos com bombas de ar de Robert Boyle, em 1667. Onde quer que fosse, Cavendish atraía uma multidão de curiosos e admiradores, que normalmente só se reunia quando da presença da realeza. O próprio rei deu boas-vindas à autora, na ocasião de sua visita à Londres para participar da reunião da Royal Society. Suas teorias, que, para nossa época, podem parecer um tanto extravagantes, compartilhavam da mesma extravagância de outras inúmeras teorias de outros pensadores contemporâneos de Cavendish, que, justamente pelo fato de não serem mulheres, não foram repelidos por sua extravagância. Aqueles que se permitiram ultrapassar a barreira do machismo descreviam Cavendish e sua obra como "incomparável, heróica, miraculosa, 'a princesa de toda inteligência'"⁴⁶.

Para finalizar, gostaria de destacar a importância da figura de Cavendish, não somente para a luta das mulheres por um espaço de igualdade com os homens, mas também para a reflexão a respeito do lugar desprivilegiado que a mulher, ainda hoje, ocupa, seja no domínio social ou intelectual. Apesar de ter sido verdadeiramente famosa quando viva, as histórias-padrão da filosofia renegaram o legado e influência de Cavendish, inclusive para a época em que fora famosa. E ela não foi a única filósofa a ter sido esquecida: Conway⁴⁷, Masham⁴⁸, Wollstonecraft⁴⁹ e tantas outras pensadoras britânicas modernas - e tantas outras que não eram britânicas e nem modernas - deterioraram-se no descaso do esquecimento. Isso só faz explicitar ainda mais a pesada

⁴⁴ WHITAKER, *Mad Madge*, p. xiv. No original: *an insane, conceited, ridiculous woman*.

⁴⁵ WHITAKER, *Mad Madge*, p. 288.

⁴⁶ WHITAKER, *Mad Madge*, p. xiv. No original: *incomparable, heroic, miraculous, "the prince of all wit."*

⁴⁷ Diversos intérpretes mostram que Leibniz é devedor de Anne Conway, e seu conceito de mônada teve influência da filósofa.

⁴⁸ Damaris Masham trocou muitas correspondências com Leibniz. Locke viveu os últimos 14 anos de sua vida na residência da família de Masham, de quem era amigo próximo.

⁴⁹ Autora de *Vindication of the Rights of Woman*, considerada uma das primeiras obras de filosofia feminista.

opressão patriarcal, somente invisível para olhos que não querem ver. O resgate dessas pensadoras é tarefa inadiável.

Bibliografia

CAVENDISH, Margaret. *Observations Upon Experimental Philosophy*. Australia: Cambridge University Press, 2001.

CAVENDISH, Margaret. *Orations of divers sorts accommodated to divers places written by the Lady Marchioness of Newcastle*. London: 1662.

CAVENDISH, Margaret. *Philosophical and Physical Opinions*. London, 1663.

CAVENDISH, Margaret. *Philosophical Letters: or, Modest Reflections Upon Some Opinions in Natural Philosophy, Maintained by Several Famous and Learned Authors of This Age, Expressed by Way of Letters*. London, 1664.

CAVENDISH, Margaret. *Poems and Fancies*. London: T.R. for J. Martin, and J. Allestrye, 1653.

CAVENDISH, Margaret. *The Blazing World And Other Writings*. England: Penguin Classics, 1994.

CAVENDISH, Margaret.. *The World's Olio*. London: Printed by A. Maxwell, 1671.

ARISTÓTELES, *Generation of Animals*. Translated by A.L.Peck. London: Harvard University Press, 1943.

ARISTÓTELES, *Politics*. Translated by Carnes Lord. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2013.

JACOBI, Jolande (ed.). *Selected Writings by Paracelsus*, trans. Norbert Guterman, 2nd edn. New Jersey: Princeton University Press, 1979.

SARASOHN, Lisa. A Science Turned Upside Down: Feminism and the Natural Philosophy of Margaret Cavendish. Pennsylvania: *Huntington Library Quarterly*, vol. 47, n. 4, p.289-307, 1984.

WALTERS, Lisa. *Margaret Cavendish: Gender, Science and Politics*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2014.

WHITAKER, Katie. *Mad Madge: The Extraordinary Life of Margaret Cavendish, Duchess of Newcastle, Royalist, the First Woman to Live by her Pen*. New York: Perseus Books Group, 2002.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.